

ESTUDOS  
CLÁSSICOS

B o l e t i m

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

Dezembro • 2003



## PARTÍCULAS DISCURSIVAS EM CÍCERO, VIRGÍLIO E TITO LÍVIO

0. Publicámos dois artigos neste *Boletim*, em 1996<sup>1</sup> e 1997<sup>2</sup>, sobre as conjunções expletivas gregas e latinas e, em particular, a perspectiva teórica dos dois gramáticos clássicos que, na nossa óptica, melhor analisaram esta questão: Apolónio Díscolo (séc. I d.C.) e Pompeio (séc. IV d.C.). Embora diferentes, ambos demonstraram que a classificação gramatical de então, em especial no tocante aos advérbios e conjunções, não era de todo a mais adequada. Ao contrário dos seus contemporâneos, encontraram funções de natureza pragmático-comunicativa em alguns elementos linguísticos, pelo que os integraram num grupo à parte, que denominaram “conjunções expletivas”, ainda que tenham induzido em erro os gramáticos posteriores, que *mutatis mutandis* as continuaram a integrar no mesmo grupo, mas sem terem encontrado quaisquer outras funções que a de “encher” os pés métricos e “embelezar” o discurso, na prosa. O último gramático a ainda utilizar esta classificação “à parte” foi o jesuíta Manuel Álvares. Depois dele, esses elementos linguísticos foram integrados no grupo dos advérbios.

Por isso, propomo-nos analisar alguns excertos de três dos mais importantes autores clássicos latinos e demonstrar que certas palavras de “classificação extremamente difícil”<sup>3</sup> e / ou “de classificação à

---

<sup>1</sup> FERNANDES, Gonçalo, 1996, “As Conjunções Expletivas I: Recordar Pompeio”, em *Boletim de Estudos Clássicos*, n.º 26, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 40-44.

<sup>2</sup> Idem, 1997, “As Conjunções Expletivas II: Recordar Apolónio Díscolo”, em *Boletim de Estudos Clássicos*, n.º 27, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 18-29.

<sup>3</sup> CUNHA, Celso, CINTRA, Luís F. Lindley, 1987, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, 4ª edição, Lisboa, pág. 549.

parte”<sup>4</sup> adquirem, em determinados contextos, funções diversas daquelas que os gramáticos habitualmente lhes atribuem, activam pressuposições pragmáticas e / ou implícitos conversacionais e têm um importantíssimo papel, por exemplo, na estruturação do discurso.

Não se trata de “palavras de encher”, como defendiam os clássicos, nem de palavras ou “partículas de realce”, como pretendem, mais recentemente, os gramáticos portugueses, mas de palavras que de facto desempenham funções pragmáticas e enunciativas. Recorremos, por isso, a designações propostas pelos linguistas, em especial, do último quartel do século XX, sobretudo de língua germânica, que, ao analisarem a linguagem falada, constataram que “há (...) elementos que, em virtude das funções em que se especializaram e que desempenham nos enunciados, ultrapassam os limites do grupo em que foram por vezes classificados”<sup>5</sup> pela gramática normativa tradicional.

Assim, propomos que a essas palavras seja dada a designação de Partículas Modais ou Intencional-Estratégicas, Partículas Topográficas Textuais, Partículas Argumentativas, Partículas Interaccionais e Partículas Escalares<sup>6</sup>.

Por Partículas Modais (PM) ou Intencional-Estratégicas entendemos sinteticamente aqueles elementos linguísticos que exprimem a modalidade emotiva ou a atitude do falante face ao enunciado, às expectativas, às relações sociais e ao saber compartilhado que admite existir entre os parceiros da comunicação<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> CUNHA, Celso, 1970, *Gramática Moderna*, Edições Bernardo Alves, S.A., Belo Horizonte, pág. 251.

<sup>5</sup> FRANCO, António, 1991, *Descrição Linguística das Partículas Modais no Português e no Alemão*, Coimbra Editora, Coleção Linguística «Coimbra Editora», n.º 5, Coimbra, pág. 42.

<sup>6</sup> Cfr. FERNANDES, Gonçalo, 1998, “Partículas Discursivas do Português”, em *Anais da UTAD: Revista de Letras: Linguística, Literatura e Didáctica*, n.º 2 (vol. 8, n.º 1), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, pp. 83-93.

<sup>7</sup> Cfr. FRANCO, António, 1991, *op. cit.*, pág. 187.

FRANCO aponta para o português as seguintes: *acaso, afinal, bem, cá, e, então, é que, já, lá, mas, não, se calhar, sempre, também*.

Partículas Topográficas Textuais (PTT) são os elementos linguísticos que o falante usa para estruturar textualmente o seu discurso, ou seja, as PTTs assinalam a função de enunciados em estruturas temáticas ou axionalmente determinadas, isto é, marcam uma relação temática entre enunciados ou uma relação entre actos de enunciação. SCHMIDT-RADEFELDT apresenta, para a língua portuguesa, as seguintes PTTs: *a propósito, agora, aqui, já agora, antes, e depois, e, além disso, primeiro, segundo, etc.*<sup>8</sup>.

Por Partículas Argumentativas (PA) consideramos os elementos linguísticos que o falante utiliza para sublinhar o valor semântico do seu discurso ou da sua argumentação, ou seja, as PAs servem para marcar uma relação entre enunciados em textos em que a intenção de convencer ou de persuadir desempenha um papel determinante. SCHMIDT-RADEFELDT apresenta as seguintes PAs: *de certo, então, bem, sim, na verdade, senão, ao mais, talvez, quando muito* (concessivas); *mas, portanto, porém, apesar disso, a despeito disso, em comparação com* (contrastivas); *no entanto, não, de maneira nenhuma* (opositivas); *pois claro, eis, sim, perfeitamente, efectivamente* (confirmativas); *de resto, aliás, a propósito* (apresentativas de argumento); *quer dizer, pelo menos, até, mesmo* (de precisão argumentativa); *finalmente, por fim, no fundo, pois, assim, enfim, ora (bem), em resumo, pá, por conseguinte, pronto* (conclusivas); *até, inclusive, mesmo, também* (inclusivas); *apenas, salvo, senão, só, somente* (exclusivas), etc.<sup>9</sup>.

Partículas Interacionais (PIs) são os elementos linguísticos que sublinham a relação interaccional ou fática entre o falante e o ouvinte

---

<sup>8</sup> SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen, 1993, "Partículas Discursivas e Interacionais no Português e no Espanhol em contraste com o Alemão", em SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (ed.), *Semiótica e Linguística Portuguesa e Românica: Homenagem a J. G. Herculano de Carvalho*, Gunter Narr Verlag, Tübingen, pág.66.

<sup>9</sup> *Ibidem*, pp. 65-66.

e o seu enunciado, ou seja, as PIs assinalam um enunciado como sendo uma reacção a um outro enunciado da responsabilidade do seu interlocutor. SCHMIDT-RADEFELDT considera as seguintes PIs: *olhe, achas que, vê lá, poderias, anda, não calculas, não?, não é?, não é verdade?, anh?, heim?, etc.*<sup>10</sup>.

Por último, as Partículas Escalares são partículas semânticas, tradicionalmente classificadas como advérbios de inclusão e de exclusão, que incluem um determinado valor acima ou abaixo do esperado pelo locutor. Assim, numa determinada escala de valores, uma partícula escalar coloca as expectativas acima ou abaixo do esperável pelo(s) locutor(es).

Dentre os textos da época clássica que seleccionámos para este estudo, salientam-se naturalmente três autores de autoridade indesmentível: Cícero, na oratória, Virgílio, na epopeia, e Tito Lívio, na historiografia. Muitos outros autores seriam passíveis de análise, mas optámos apenas por estes, porque são considerados os melhores nesses géneros literários. Gostaríamos de lhes ter acrescentado o maior poeta lírico latino, Quinto Horácio Flaco (65 a.C.– 8 a.C.), mas não encontramos, em nenhum dos seus textos, qualquer partícula discursiva relevante.

1. Marco Túlio Cícero (106 a.C.- 43 a.C.) sobreleva-se dentre os demais autores seleccionados pelo elevado número de partículas que utiliza e pela forma como apresenta os seus argumentos no discurso. Escolhemos o discurso *Pro Archia Poeta*<sup>11</sup>, pronunciado em 62 a.C., porque é suficientemente representativo do estilo ciceroniano e encontra-se traduzido em português.

---

<sup>10</sup> *Ibidem*, pp. 66 e 78.

<sup>11</sup> CÍCERO, 1991, *Em defesa do poeta Árchias*, tradução portuguesa de GONÇALVES, Maria Isabel Rebelo, Editorial Inquérito, Col. “Clássicos Inquérito” nº 15, 2ª ed., Lisboa.

*An domicilium Romae non habuit is, qui tot annis ante ciuitatem datam sedem omnium rerum ac fortunarum suarum Romae collocauit? An non est professus? Immo vero iis tabulis professione praetorum obtinent publicarum tabularum auctoritatem (pp. 24 e 26).*

*Acaso não teve domicílio em Roma este que durante tantos anos, ainda antes da concessão da cidadania, em Roma colocou a sede de todos os seus interesses e haveres? Acaso não terá feito a devida declaração? Pelo contrário! Fê-la naqueles registos que, em conformidade com a sanção colegial dos pretores, são os únicos a fazerem fê como registos públicos (pág. 27).*

Neste excerto, Cícero defende a cidadania romana do poeta grego Árquias. Nas duas frases interrogativas, está bem patente a marca de retoricidade, já que Cícero não quer pôr em dúvida o seu conteúdo proposicional, mas, pelo contrário, afirmá-lo. Não se espera qualquer tipo de resposta, até porque é um discurso marcadamente oratório, do género judicial (*genus iudiciale*). O autor espera alterar a situação, convencendo os seus interlocutores da causa que defende.

Estas partículas — *an* e a sua correspondente portuguesa *acaso* — são “auxiliadas” pela forma negativa da frase. O “advérbio” de negação «*non*» não desempenha aqui qualquer função adverbial mas pragmática, porque intensifica a retoricidade da frase e reforça a perspectiva do próprio locutor. O uso combinado de ambas — *an* e *non* / *acaso* e *não* — veicula um acto de crítica por parte do locutor para com os seus ouvintes / interlocutores, por estes continuarem a argumentar contra a cidadania romana do visado ou por usarem esse argumento — o de que Árquias não era cidadão romano — apenas por razões racistas ou xenófobas. De facto, era um homem muito culto, mas, na óptica dos delatores, grego de nascimento, e, portanto,

bárbaro, sem direito a usufruir dos mesmos benefícios que os “melhores” de Roma.

A resposta do orador às suas próprias perguntas é a confirmação da retoricidade das interrogativas anteriores, ou perguntas tendenciosas, veiculadas pelas partículas “*an*” e “*non*” e, também, pelo tom em que foi proferido o discurso. Se ainda restassem quaisquer dúvidas quanto a essa retoricidade, a resposta “*Immo vero*” («*Sim, decerto!*», ou, como o fez a tradutora, «*pelo contrário!*») desfazê-las-ia.

Deste modo, “*an*” e “*non*”, neste contexto, podem ser classificadas como partículas modais ou intencional-comunicativas, pois acentuam a perspectiva do sujeito da enunciação sobre o conteúdo proposicional da frase em que estão inseridas.

<p><i>Si quid est in me ingenii, iudices, (...) aut si qua exercitatio dicendi (...) aut si huiusce rei ratio aliqua ab optimarum artium studiis ac disciplina profecta (...), hic A. Licinius fructum a me repetere prope suo iure debet. Nam, quoad longissime potest mens mea respicere spatium praeteriti temporis et pueritiae memoriam recordari ultimam, inde usque repetens hunc uideo mihi principem et ad suscipiendam et ad ingrediendam rationem horum studiorum exstitisse (pág. 14).</i></p>	<p><i>Se eu tenho algum talento, Juízes, (...), se tenho alguma prática da oratória (...), ou se tenho algum conhecimento desta matéria oriundo do estudo sistematizado das artes liberais (...), quase por direito próprio, deve mais do que ninguém exigir-me o fruto Aulo Licínio, aqui presente. Na verdade, até onde a minha memória pode perscrutar o passado e recordar a mais antiga época da minha infância, relembro tudo desde então, vejo que foi este meu constituinte quem principalmente contribuiu para eu empreender e continuar este género de estudos (pp. 15 e 17).</i></p>
--	---

---

Neste excerto, a frase iniciada pela partícula “*nam*” serve de protótipo para o seu uso, porque aparece quase sempre em posição inicial de frase e os tradutores também quase sempre a traduzem da mesma forma: «*na verdade*». Ainda é usual traduzirem-na por «*de facto*», «*é que*» e «*pois*». Não cremos ser possível classificá-la como uma conjunção (coordenativa explicativa), pela razão de que sintacticamente não “junta” nenhum elemento frásico a quaisquer outros, *sc.*, não conecta quaisquer orações entre si. Esta partícula “explica” apenas a asserção ou o argumento anterior. Será talvez essa a razão por que os gramáticos a continuam a classificar da mesma forma, isto é, apenas como conjunção, quando, de facto, em consituações idênticas a esta, apenas junta argumentos, ideias, e não orações.

Assim, a partícula “*nam*”, neste trecho, apenas permite confirmar o argumento anterior, isto é, de que o locutor (Cícero) devia muito dos seus conhecimentos a homens como Árquias, facto esse que Licínio ali presente podia testemunhar.

Por isso, dadas as razões apresentadas, também se terá de reclassificar “*nam*” como partícula argumentativa.

III. *Nam, ut primum ex pueris excessit Archias atque ab iis artibus, quibus aetas puerilis ad humanitatem informari solet, se ad scribendi studium contulit, primum Antiochiae — nam ibi natus est loco nobili —, celebri quondam urbe et copiosa atque eruditissimis hominibus liberalissimisque studiis adfluenti, celeriter antecellere omnibus ingenii gloria contigit* (pág. 18).

### *Argumentação*

#### *1. De causa*

##### *a) Narração*

III. *Ora bem. Quando Árquias saiu da infância e transitou dos estudos com os quais se costuma cultivar a mocidade para as aulas de retórica, de pronto começou a suplantar a todos pela fama do seu talento, primeiro (pois aí nasceu de família nobre) em Antioquia, cidade outrora populosa e rica, regorgitante de homens eruditíssimos e de cursos e artes liberais* (pp. 19 e 21).

Este excerto representa o início do III capítulo do discurso de Cícero, que é apenas introduzido pela partícula “*nam*”, habitualmente traduzida por “*na verdade*”, como já foi referido. A tradução deste começo é muito curiosa, porque, sem que no original nada estivesse, é-nos apresentado como o início da *argumentação de causa*. Deste modo, e apesar de parecer que esta partícula desempenharia a mesma função que no excerto anterior, a tradutora considerou-a como se se tratasse de uma partícula de abertura de novo argumento.

Na hipótese de a perspectiva da tradutora estar correcta, não podemos classificar esta partícula como explicativa, à maneira tradicional. Poderá eventualmente ser tratada como uma partícula argumentativa ou uma partícula discursiva de abertura de argumento. Considerá-la simplesmente explicativa e traduzi-la por «*na verdade*» pressunha destacar o elemento / argumento anterior. A tradutora, porém, parece ter intuído de forma contrária, *i. e.*, na sua perspectiva o

---

autor do discurso queria dar maior relevo ao novo argumento, ao rema, e daí o facto de ter usado “*ora bem!*” na sua tradução.

Ainda no excerto supracitado, Cícero usou a conjunção explicativa “*nam*” na oração: «*nam ibi natus est loco nobili*», perfeitamente assimilada na tradução: «*pois aí nasceu de família nobre*». É indiscutível que há fortes diferenças entre esta conjunção (“*nam*”) e a partícula “*nam*” que inicia a frase a que esta se liga. Enquanto aqui há uma verdadeira conexão sintáctica e semântica, na matriz tal não acontece.

Por isso, a conjunção “*nam*” é um elemento sintacticamente estruturante de duas orações coordenadas e introduz uma oração explicativa. No entanto, “*nam*”, em contextos diversos, desempenha outras funções mais de natureza pragmática e argumentativa que sintáctica, como vimos no exemplo anterior a este. O discurso é estruturado a um outro nível, *i. e.*, ao nível da argumentação, e não propriamente ao nível sintáctico, como no último exemplo.

De facto, “*nam*” é plurifuncional, podendo desempenhar uma função puramente sintáctica, isto é, introduzir uma oração coordenada explicativa, e auxiliar a estruturação do discurso ao nível dos argumentos.

É deveras interessante o facto de na tradução se diferenciarem essas particularidades, sintáctica vs. argumentativa, embora a gramática tradicional continue a tratar esta “palavra” de forma indiferenciada, não respeitando os contextos em que é usada. A tradutora teve uma rara intuição linguística e respeitou esses mesmos contextos.

*Nam, si quis minorem Ora, se alguém julga gloriae fructum putat ex Graecis poder obter menor nomeada de uersibus percipi quam ex Latinis, versos gregos do que latinos, uehementer errat, propterea quod profundamente se engana: as Graeca leguntur in omnibus fere obras gregas são lidas em gentibus, Latina suis finibus, quase todo o mundo, as latinas exiguis sane, continentur (pág. 42). estão confinadas às suas fronteiras evidentemente exiguas (pág. 43).*

Este excerto apenas vem confirmar o que ficou explanado para o exemplo anterior. Também aqui o autor usa a partícula «*nam*», desprovida de função conjuncional, exercendo o seu papel ao nível da argumentação. O autor inicia um novo argumento e usa a partícula «*nam*» como *senal de abertura* desse argumento. E, mais uma vez, a tradutora se separou dos ditames da gramática tradicional, apercebendo-se do esvaziamento sintáctico sofrido pela partícula neste contexto.

Em conclusão, poder-se-ia referir que a partícula «*nam*», em início absoluto de uma frase assertiva, pode ser classificada como uma partícula argumentativa ou um marcador de estruturação do discurso de função argumentativa.

2. De Públio Virgílio Marão (70 a.C.- 19 a.C.) seleccionámos alguns excertos da *Eneida*, por se tratar da sua obra mais representativa e da “mais alta obra poética que a latinidade jamais produzira, obscurecendo definitivamente as duas obras-primas”<sup>12</sup> anteriores, as *Bucólicas* e as *Geórgicas*. Escolhemos a edição do P.e Arlindo Ribeiro da Cunha<sup>13</sup> porque, em nosso entender, é bastante

<sup>12</sup> PARATORE, Ettore. 1987, *História da Literatura Latina*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pág. 409.

<sup>13</sup> VIRGÍLIO, 1948, *Aeneis*. Texto completo anotado pelo P.e Arlindo Ribeiro da CUNHA, Livraria Cruz, Braga.

fidedigna e tem boas anotações. No entanto, por não termos uma tradução da *Eneida* que se aproximasse dos nossos objectivos, atrevemo-nos a fazer uma própria, mas apresentamos também uma outra em nota de rodapé, considerada por muitos como uma das literariamente melhores, da autoria de João Franco Barreto.

*Qualis mugitus, fugit*      *Que grito! O touro ferido*  
*cum saucius aram / Taurus et fugiu do altar e derrubou com o*  
*incertam excussit cervice pescoço a machada incerta. E os*  
*securim. / At gemini lapsu dois dragões, rastejando, fugiram*  
*delubra ad summa dracones / para o Templo Sagrado, e*  
*Effugiunt, saevaeque petunt dirigem-se para o alto da cidade*  
*Tritonidis arcem, / Sub pe- da cruel Minerva, e escondem-se*  
*debisque deae clipeique sub debaixo dos pés da deusa e sob o*  
*orbe teguntur. / Tum uero disco do escudo. É, então, que se*  
*tremefacta nouus per pectora introduz, de facto, nos peitos*  
*cunctis / Insinuat pavor, et atónitos de todos, um súbito*  
*scelus expendisse merentem / pavor, e dizem que Laocoonte, que*  
*Laocoonta ferunt, sacrum qui profanou o cavalo sagrado com a*  
*cuspile robur / Laeserit et ança e retorceu a lança sacrílega*  
*tergo sceleratam intorserit no lombo, é merecedor de expiar o*  
*hastam (Canto II, vv. 223-231, crime.*  
*pp. 105-106).<sup>14</sup>*

<sup>14</sup> Cfr. BARRETO, João Franco, 1981, *Eneida Portuguesa*, Biblioteca de Autores Portugueses, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, pág. 89, Estrofes 56, 57 e 58: «Gritos levanta ao céu, que põem espanto, / Mas como se Bradara no deserto: / Qual touro, que escapou dentre os altares, / Mal ferido, bramindo, atoa os ares. / Fugindo os dois dragões vão despedidos / Ao Templo de Tritónia armipotente, / E aos pés da Deusa pondo-se encolhidos, / Com o escudo se cobrem refulgente; / Aumenta-se o pavor; esmorecidos / Ficando todos coa visão presente: / Dizem que é bem que pague com a vida / Laocoonte a pena merecida, / Pois se atreveu, com ímproba ousadia, / Ofender o fatal lenho sagrado, / Furioso arrojando a lança ímpia, / De cujo ferro agudo foi passado:»

---

A frase iniciada por «tum uero» apresenta a reacção que o povo troiano teve quando as duas serpentes marítimas engoliram Laocoonte e os seus dois filhos. O povo troiano interpretou este prodígio como castigo por Laocoonte ter lançado uma seta contra o bojo do cavalo “sagrado”, que, segundo o grego Sínon, teria sido oferecido para aplacar os deuses. Perante estes sinais, foi tal a estupefacção que, sem se interrogarem mais nem ouvirem sequer as palavras proféticas da filha do rei Príamo, Cassandra, abriram as portas do *oppidum* e introduziram aí o cavalo.

A rematização do advérbio “*tum*” pela partícula “*vero*” introduz esse momento mágico e, em especial, a reacção temerosa do povo troiano, que, perante tais fenómenos sobrenaturais, fica tão aterrorizado que já nada consegue explicar nem raciocinar sobre qualquer opinião contrária. O advérbio «*tum*» marca a simultaneidade ou sucessividade próxima dos dois eventos, *i. e.*, a visão dos fenómenos sobrenaturais e o medo atónito dos troianos.

Deste modo, poderíamos traduzir este advérbio pelo advérbio de tempo «*então*», já que, em Português, é este advérbio que melhor acentua essa sucessividade.

Por outro lado, a partícula discursiva «*vero*» aparece aqui num emprego atributivo em relação a “*tum*” e reporta-se directamente a esse advérbio, de forma que se pode dizer que está focalizada sobre o advérbio.

A tradução de “*vero*” por “*de facto*” não parece estar errada. Quanto a “*tum*”, e devido a essa sucessividade factual, a melhor hipótese parece ser “*então*”. Usou-se ainda a construção clivada “*é ... que*”, para rematizar o advérbio de tempo, pois no texto latino está focalizado pela partícula “*vero*”.

*Nec uero Alcides tantum                      Nem mesmo Hércules  
telluris obiuit, / Fixerit percorreu tantas terras, ainda  
aeripedem ceruam licet, aut que tenha trespassado a corça  
Erymanthy / Pacari nemora, et de pés de bronze, ou tenha  
Lernam tremefecerit arcu; / Nec, pacificado os bosques de  
qui pampineis uictor iuga flectit Erimanto, e feito tremer Lerna  
habenis, / Liber, agens celso com o arco; nem Baco, que  
Nysae de uertice tigres (Canto dirige vencedor os jugos com  
VI, vv. 801-805, pág. 402).<sup>15</sup> rédeas revestidas de pâmpanos,  
conduzindo os tigres do elevado  
cume de Nisa.*

Esta citação foi dirigida a Júpiter por Vénus, em defesa de Eneias, pedindo auxílio para este, no Consílio dos Deuses. E, para os seus argumentos persuadirem seu pai, comparou os trabalhos / sacrifícios de Eneias e as terras que já teve de percorrer com as localidades visitadas quer por Hércules quer por Baco, que, mesmo entre os deuses, eram detentores de muito poder e consideração.

Nesse termo de comparação Virgílio estabelece uma oposição clara das dificuldades que cada um teve de suportar; por isso, o narrador, Vénus, introduz este novo argumento apoiado pela partícula «*uero*», que pode ser traduzida por «*mesmo*» ou «*mas, na verdade*», já que aquela partícula latina acentua a diferença entre os dois argumentos, *i. e.*, esperar-se-ia que os trabalhos de Eneias fossem menores, porque era humano, que os dos deuses citados. Mas tal não estava a acontecer. E, por isso, é que Vénus vem pedir auxílio a Júpiter.

<sup>15</sup> Cfr. *Ibidem*, pág. 306, Estrofes 180 e 191: «Mas nem buscando valorosas lides, / Tantas terras andou o mesmo Alcides, // Posto que a serpe Eripide vencesse. / E apaziguasse os bosques de Erimanto, / Ou com seu arco intrépido pusesse / À Lerneia lagoa íntimo espanto. / Nem Baco, que em todo orbe resplandece, / E vencedor no coche, ousando tanto, / Usa as pampíneas rédeas por divisa, / Os tigres governando do alto Nisa».

Esta partícula parece funcionar como partícula escalar, porque, como vimos, numa escala de valores, Eneias já ultrapassou as expectativas criadas: ele deveria suportar menos dificuldades que Hércules e Baco, porque estes são deuses; Eneias é um simples ser humano, que já teve de superar tais dificuldades que *nem mesmo* aqueles deuses tiveram.

*Ille haec, deposita tandem            Ele confessã estas  
formidine, fatur: / «Cuncta palavras, deposto finalmente o  
equidem, tibi, rex, fuerit medo, e refere: «É toda a  
quodcumque, fatebor / Vera, verdade que te contarei , ó rei,  
inquit; neque me Argolica de aconteça o que acontecer; não  
gente negabo: / Hoc primum; negarei que sou de descendência  
nec, si miserum Fortuna grega: isto primeiro; se a sorte  
Sinonem / Finxit, uanum etiam venceu o miserável Sínon, a  
mendacemque improba finget» (sorte) perversa ao menos não  
(Canto II, vv. 76-80, pp. 90- dissimule o traidor e o impostor.  
91).<sup>16</sup>*

A frase iniciada por “*cuncta equidem, tibi, rex*” representa o começo da segunda parte do discurso de Sínon, dirigido ao rei de Tróia, antes de acontecerem os prodígios já apresentados anteriormente e depois do primeiro contacto dos troianos com o cavalo deixado em frente das muralhas. Aqui podem existir duas hipóteses de interpretação relativamente ao valor da partícula «*equidem*».

Por um lado, a partícula pode implicitar que o seu discurso é a resposta a uma pergunta anterior ou uma exigência feita pelo próprio

<sup>16</sup> Cfr. *Ibidem*, pág. 80, Estrofes 20 e 21: «Tais palavras lançou do falso peito: / Seja o que for, ó Rei, toda a verdade / Confessarei, por certo e com clareza; / Que, se a Sínon, com tanta adversidade, / Pôs a cruel Fortuna em tal baixeza. / Por nenhuma vital necessidade, / Obrigado da fraca natureza, / Pôde, improba, fazer, depois que é nado, / Que em uma só mentira fosse achado».

rei, já que ele, Sínon, se dirige explicitamente a Príamo (“*tibi, rex*”). Não temos a certeza desta perspectiva, porque o narrador, Eneias, conta esse primeiro momento apenas em discurso indirecto e não é explícito quanto à origem do pedido, pois refere que a ansiedade em saber a verdade era de todos eles e, por isso, «*hortamur fari quo sanguine cretus, / Quidve ferat; memoret, quae sit fiducia capto*» (Canto II, vv. 74-75, pág. 90). A aceitar esta opinião, seria razoável classificar a partícula discursiva «*equidem*» como um marcador ilocutório confirmativo, segundo Spengler<sup>17</sup>, e, numa análise eminentemente conversacional, de “turn taking”, podê-la-íamos classificar como um marcador de “tomada de vez” ou simplesmente como uma partícula interaccional.

Por outro lado, encontrando-se junto de «*cuncta*», que, por sua vez, se liga a «*uera*», pode ser traduzida por «*na verdade*», «*de facto*», «*certamente*», «*sem dúvida*», «*é claro*», «*é evidente*», numa tentativa de o falante, Sínon, persuadir os troianos da veracidade das suas palavras, porque ele insiste, várias vezes neste discurso, em palavras deste campo semântico: «*fatebor*», «*cuncta uera*», «*negabo*», «*uanum*», «*mendacem*», «*finxit*» e «*finget*». Ora, como usa todas estas palavras na exposição da mesma ideia — e são demasiadas para quem quer, de facto, falar a verdade —, é natural que ainda a queira reforçar mais. Se o conseguiu apenas com a sua explicação, nunca o saberemos, porque nos parece que terá sido o medo provocado pela morte de Laocoonte e dos seus filhos que determinou a introdução do cavalo na cidade e, portanto, que os Troianos caíssem no engodo grego, arquitectado por Ulisses.

Considerando esta segunda perspectiva, o locutor, Sínon, pretende causar um efeito perlocutivo nos seus ouvintes, *i. e.*, pretende

---

<sup>17</sup>Cfr. SPENGLER, Nina, 1980, “Premier Approche des Marques d’interactivité”, em *Actes de Langage et Structure de la Conversation*. Cahiers de Linguistique Française, nº1, Université de Genève, Genève, pág. 139.

alterar a situação com a introdução do cavalo no *oppidum*, e, com o uso da partícula “*equidem*”, focalizar o sintagma “*cuncta vera*”.

<p><i>Tristior et lacrimis oculos suffusa nitentes / Alloquitur Venus: «O qui res hominumque deumque / Aeternis regis imperiis et fulmine terres, / Quid meus Aeneas in te committere tantum, Quid Troes potuere, quibus tot funera passis / Cunctus ob Italiam terrarum clauditur orbis? / (...) Eneias, Hoc equidem occasum Troiae tristeque ruinas / Solabar, fatis contraria fata rependens; / Nunc eadem fortuna uiros tot casibus actos / Insequitur. Quem das finem, rex magne, laborum?</i> (Canto I, vv. 228-233 e 238-241, pp. 30-31).<sup>18</sup></p>	<p><i>Vénus, muito triste e com os brilhantes olhos banhados em lágrimas, diz-lhe: «Ó tu que fazes tremer as coisas dos homens e dos deuses com o raio e os poderes do rei eterno, que tamanho crime pôde cometer contra ti o meu troianos, que sofreram tantos infortúnios, a quem o mundo inteiro é fechado por causa da Itália? (...) Por meio disto (Considerando isto), lá me consolava tristemente com a queda e as ruínas de Tróia, contrapondo aos destinos favoráveis destinos contrários; agora a mesma sorte persegue os homens agitados com tantos infortúnios. Que fim dás, ó grande rei, a estes trabalhos?</i></p>
---	---

<sup>18</sup> Cfr. BARRETO, João Franco. op. cit., pp. 44-45, Estrofes 53, 54 e 56: «A quem Vénus, banhando de mimosa / Em lágrimas os olhos cristalinos / (Qual fica por Abril a fresca rosa / Cos suaves orvalhos matutinos). / Assim fala, sentida e maviosa: / «Ó tu, que dos humanos e divinos / O Império tens eterno e soberano, / E os espantas co raio de Vulcano, / Que excessos contra ti, que culpas feias, / Que delitos atrozes, que pecados / Cometer pode o meu querido Eneias? / Que ofensa os meus Troianos tanto amados? / Que, por tantas regiões de abrigo alheias, / Tantos mares e climas desusados / Os trazes, e, buscando a Lácia terra, / Parece que todo Orbe se lhes cerra?

Este excerto é a continuação do pedido de auxílio para Eneias, dirigido por Vénus a Júpiter. Aqui, Vénus acentua a sua própria tristeza com o fim e as ruínas de Tróia, não falando neste momento sequer das desgraças e dos erros do seu protegido. A partícula «*equidem*» situa-se numa posição estratégica, porque tanto pode referir-se a «*hoc*», que é um ablativo e remete-nos para o discurso anterior, o tema, como a «*occasum Troiae tristeque ruinas solabar*», o rema.

Parece-nos que Vénus, ao colocar nessa posição a referida partícula, quer acentuar preferencialmente a sua tristeza e a sua desolação, com a esperança de esse sentimento demover a atitude de Júpiter. Assim, a partícula «*equidem*» liga-se ao segundo segmento discursivo e tem como função focalizar o rema, ou provocar a rematização de «*occasum Troiae tristeque ruinas solabar*». Foi por essa razão que traduzimos “*equidem*” pela partícula modal «*lá*», porque reflecte a posição do falante, que, embora tivesse que aceitar a decisão do seu interactante, não concordava em absoluto com ela.

Também poderíamos traduzir a referida partícula por «*de facto*» ou, mesmo, pela partícula modal «*sempre*», pressupondo que ela, Vénus, seria capaz de compreender que aqueles infortúnios eram por uma boa causa e tinham uma explicação razoável, uma fundamentação lógica, e, por isso, *sempre* teria de aceitar. Mas ela própria nega-nos essa convicção, porque duvida da razoabilidade dos argumentos de Júpiter, porque é esta mesma sorte funesta que destrói os outros troianos e não apenas Eneias.

Este seu último argumento, curiosamente, é introduzido pela lexia “*nunc*”, mas tanto pode ser um advérbio de tempo, referindo-se ao momento presente, como uma partícula topográfica textual, já que

---

(...)Com isto, na verdade, compensando / Uns Fados com os outros, moderava / A mágoa do sucesso miserando / De Tróia, que eu deveras tanto amava. / Hoje a mesma Fortuna atropelando / Vai os nobres varões com fúria brava, / E desgraças tamanhas; pois que atalhos, / Que fim dás, ó grã rei, a estes trabalhos?».

---

estava a analisar o caso de Eneias comparando-o com o dos restantes troianos. As duas interpretações parecem possíveis e daí não nos parecer prodente discutir esta questão. De qualquer modo, a tradução teria / tem sempre a mesma lexia portuguesa correspondente, «*agora*», quer seja uma partícula topográfica textual quer um advérbio de tempo.

3. Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.), na sua obra monumental, *Ab Urbe Condita*, narra a história de Roma desde a sua fundação. Escolhemos alguns excertos aleatórios desta obra por se tratar da mais representativa obra histórica da civilização romana. Também optámos por uma edição bilingue<sup>19</sup>, na medida em que, desta forma, tínhamos acesso ao texto original e à perspectiva do tradutor face ao estudo do papel de algumas partículas discursivas.

<p><i>Forte potantibus his apud Sex. Tarquinium, ubi et beber nos aposentos de Sexto Collatinus cenabat Tarquinius, Tarquínio, onde ceava também Egeri filius, incidit de uxoribus Tarquínio Colatino, filho de mentio. Suam quisque laudare miris modis; inde certamine recaiu sobre as respectivas accenso Collatinus negat uerbis opus esse; paucis id quidem horis posse sciri quantum ceteris praestet Lucretia sua (Livro I, 57, 7, pág. 194).</i></p>	<p><i>Um dia, como estivessem a beber nos aposentos de Sexto Colatino, filho de Egéria, o tema da conversa recaiu sobre as respectivas esposas; cada um elogiava de forma extraordinária a sua própria mulher. Então, no calor da discussão, Colatino afirma que palavras não eram precisas; que em poucas horas podiam inteirar-se de quanto a sua Lucrecia sobrelevava a todas as outras (pág. 195).</i></p>
--	--

---

<sup>19</sup> LÍVIO, Tito, 1993, *Ab Urbe Condita*, Introdução, tradução e notas de ALBERTO, Paulo Farmhouse, Editorial Inquérito, Col. “Clássicos Inquérito”, n.º 23, Lisboa.

Esta passagem representa o preliminar do fim da monarquia em Roma. O rei Tarquínio Soberbo e as suas tropas tinham ido conquistar Árdea aos Rútulos. Dentre os generais que o acompanhavam, estava Lúcio Colatino, marido de Lucrecia, que tinha ficado em casa a cuidar dos afazeres domésticos. Neste excerto, os vários generais discutiam as virtudes das suas esposas e Lúcio Colatino propôs que passassem das palavras aos actos, i. e., que fossem observar directamente e constatassem em quanto a sua esposa superava todas as restantes.

Tito Lívio, na apresentação desta discussão, destaca, em discurso indirecto, a fala de Lúcio Colatino, que reforçara o *topos* «*paucis horis*» bem como o pronome demonstrativo «*id*» (acusativo do singular neutro, sujeito da oração infinitiva), referindo-se ao assunto em discussão. Esta intensificação pode ser demonstrada pelo uso da partícula «*quidem*», que o autor colocou entre esses dois sintagmas: separou os dois elementos do sintagma “*paucis horis*”, introduzindo aí a referida partícula, e ainda colocou o pronome demonstrativo “*id*” antes da partícula e depois do primeiro membro do outro sintagma (“*paucis id quidem horis*”).

Assim, e na perspectiva de que «*quidem*» focaliza o pronome “*id*”, poderíamos traduzir este segmento discursivo da seguinte forma: «*em poucas horas se podia saber isso mesmo, quanto a sua Lucrecia sobrelevava as restantes*». No entanto, a partícula, como vimos, também parece abranger o sintagma “*paucis horis*”, já que se encontra entre os dois elementos. Assim, se introduzíssemos este segmento discursivo com a partícula modal «*é que*», focalizando o papel do sujeito da frase, e reforçássemos o sintagma “*paucis horis*” com «*de facto*», porque a partícula em causa assinala a fundamentação do que se afirma, já que todos tinham conhecimento de que a viagem de regresso não seria muito demorada, a tradução talvez estivesse mais condizente com o enunciado original: «*é que quanto Lucrecia so-*

*brelevava a todas as outras isso mesmo se poderia saber, em poucas horas».*

A partícula «*quidem*», no contexto supracitado, parece ser plurifuncional, pois talvez possa ser classificada concomitantemente quer como partícula modal quer como argumentativa, já que reflecte a perspectiva do sujeito da enunciação e reforça um argumento por todos conhecido, *i. e.*, por um lado, mostra-nos a posição do locutor relativamente ao enunciado, ao reforçar o pronome “*id*”, que na realidade antecipa e substitui o verdadeiro objecto directo do verbo, e, por outro lado, sublinha um argumento comumente aceite, ao reportar-se a “*paucis horis*”.

<p><i>Muliebris certaminis laus penes Lucretiam fuit. Adveniens vir Tarquiniique excepti benigne; victor maritus commiter invitat regios iuvenes. Ibi Sex. Tarquinius mala libido Lucretiam per vim stuprandae capit; cum forma tum spectata castitas incitat. Et tum quidem ab nocturno iuuenali ludo in castra redeunt (I, 57, 11, Pág. 196).</i></p>	<p><i>Nesta competição de mulheres, o prémio fica na posse de Lucrecia. Ao chegarem, o marido, vencedor, convida de cortesmente os jovens filhos do rei. Então, um maldito desejo de Lucrecia apossa-se de Tarquínio; não só a sua beleza, mas também a sua admirada aguilhoam-no. Mas, desta vez, depois da folia juvenil daquela noite, regressam ao acampamento (pág. 197).</i></p>
---	--

Este excerto situa-se no final do diálogo entre os vários generais de Tarquínio Soberbo, onde o narrador refere explicitamente o início do desejo de Sexto Tarquínio violentar a esposa de Lúcio Colatino. No entanto, essa decisão teve de ser adiada, pois já era o momento de regressar ao acampamento. Tito Lívio usa três partículas discursivas, “*et*”, “*tum*” e “*quidem*”, todas seguidas, no início da mesma frase,

mas talvez tenham sentidos distintos e não as possamos considerar na sua globalidade.

O tradutor, embora tenha alterado o significado literal das partículas, *i. e.*, apesar de não ter traduzido estas partículas pelas formas habituais, parece ter sido bastante fiel ao texto de Tito Lívio, mormente, na nossa opinião, na manutenção das pressuposições pragmáticas que aquelas partículas activam. É um momento difícil de tradução, porque nos são apresentadas três partículas juntas e não se percebe muito bem quais as intenções do narrador, relativamente a cada uma delas. No entanto, apresentamos uma simples hipótese de interpretação para o uso de tais partículas.

Deste modo, as primeiras, “*et tum*”, parecem querer implicar que já eram horas de descansar e, por isso, a folia juvenil tinha de terminar, ou seja, as partículas quebram a continuidade da “brincadeira”. Por isso, parece correcto traduzir estas partículas por «e, então», já que o diálogo estava concluído. O tradutor usou simplesmente a partícula argumentativa «*mas*», o que não está de todo errado, porque esta partícula altera a direcionalidade argumentativa.

Quanto à partícula «*quidem*», colocada imediatamente após «*et tum*» e antecipando «*ab nocturno iuuenali ludo*», é possível que com ela o autor quisesse focalizar o sintagma seguinte, já que vem na sequência da frase que descreve os “sentimentos” de Sexto Tarquínio relativamente a Lucrécia. No entanto, não parece de todo errado pensar que o narrador quisesse, com esta partícula, activar a pressuposição de que nessa noite Sexto Tarquínio já nada poderia fazer, mas talvez — e somente — mais tarde, em qualquer outro dia. Deste modo, traduzir a frase “*Et tum quidem ab nocturno iuuenali ludo in castra redeunt*” por «*E então regressam mesmo ao acampamento depois desta folia nocturna juvenis*» pode representar uma boa hipótese de interpretação. Mas, se o narrador quer acentuar, de facto, a ideia de que os generais, incluindo Sexto Tarquínio, regressam mesmo ao acampamento e não vão a qualquer outro lado, pelo menos nessa noite, ainda poderíamos

---

traduzir da seguinte forma: «*Mas é então que regressam de facto ao acampamento depois desta folia nocturna juvenib*», usando a construção clivada a focalizar o advérbio de tempo “*então*” (“*tum*”) e, para a partícula “*quidem*”, o sintagma “*de facto*”, implicitando que não foram a mais nenhum lugar.

A serem correctas estas interpretações, penso que poderíamos classificar as partículas “*et*” e “*quidem*”, pelas funções desempenhadas na situação apresentada, como partículas argumentativas, e “*tum*”, advérbio de tempo.

4. Como pudemos ver por esta brevíssima análise, com alguns excertos aleatórios de textos bastante representativos da época clássica latina, as classificações gramaticais tradicionalmente apresentadas para algumas palavras ou lexias não podem estar mais erradas. Algumas destas partículas desempenham de facto, a nosso ver, funções de natureza pragmático-comunicativa e também são demasiado importantes no discurso para apenas ser tidas por “partículas expletivas”, pelo menos no sentido tradicional de servirem apenas para “encher” os pés métricos e “embelezar” o texto.

Parece-nos, por isso, que é possível associar a terminologia da Linguística Descritiva, especialmente da análise conversacional, às descrições gramaticais tradicionais, mesmo de línguas já não faladas, apesar de por vezes se tornar mais difícil a percepção das intenções comunicativas dos seus autores e do efeito perlocutivo que os mesmos pretendem nos leitores.

Em conclusão, parece que a terminologia que talvez mais se adegue a estes elementos linguísticos seja mesmo, como vimos, a de partículas modais ou intencional-comunicativas, topográficas textuais, argumentativas, escalares e interaccionais.

---

**Bibliografia**

- BARRETO, João Franco, 1981, *Eneida Portuguesa*, Biblioteca de Autores Portugueses, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.
- CASTELEIRO, João Malaca, 1976, “Sintaxe e Semântica das construções enfáticas com «é que»”, em *Boletim de Filologia*, Tomo XXV, Fasc. 1-4, Lisboa, pp. 96-166.
- CÍCERO, 1991, *Em defesa do poeta Árquias*, 2ª ed., Editorial Inquérito Limitada, Col. “Clássicos Inquérito” n.º 15, Tradução de REBELO GONÇALVES, Maria Isabel, Lisboa.
- CUNHA, Celso, 1970, *Gramática Moderna*, Edições Bernardo Alves, S.A., Belo Horizonte.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Luís F. Lindley, 1987, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, 4ª edição, Lisboa.
- FERNANDES, Gonçalo, 1996, “As Conjunções Expletivas I: Recordar Pompeio”, em *Boletim de Estudos Clássicos*, n.º 26, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 40-44.
- FERNANDES, Gonçalo, 1997, “As Conjunções Expletivas II: Recordar Apolónio Díscolo”, em *Boletim de Estudos Clássicos*, n.º 27, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 18-29.
- FERNANDES, Gonçalo, 1998, “Partículas Discursivas do Português”, em *Anais da UTAD: Revista de Letras: Linguística, Literatura e Didáctica*, n.º 2 (vol. 8, n.º 1), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, pp. 83-93.
- FRANCO, António, 1991, *Descrição Linguística das Partículas Modais no Português e no Alemão*, Coimbra
-

- Editora, Coleção Linguística «Coimbra Editora», nº 5, Coimbra.
- HÖLKER, Klaus Konstanz, 1984, “«Quoi» als diskursorganisierende Partikel im gesprochenen Französisch”, em *Linguistische Berichte*, nº 92, Westdeutscher Verlag, pp. 46-59.
- KÖNIG, Ekkehard, 1981, “The Meaning of Scalar Particles in German”, em *Words, Worlds, and Contexts, New Approaches in Word Semantics*, ed. by Hans-Jürgen Eikmeyer and Hannes Rieser, Tübingen, De Gruyter, pp. 107-132.
- LÍVIO, Tito, 1993, *Ab Urbe Condita*, introdução, tradução e notas de ALBERTO, Paulo Farmhouse, Editorial Inquérito, Col. “Clássicos Inquérito”, nº 23, Lisboa, Livro I.
- PARATORE, Ettore, 1987, *História da Literatura Latina*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- ROULET, Eddy, 1980, “Strategies d’Interaction, Modes d’Implicitation et Marqueurs Illocutoires”, em *Actes de Langage et Structure de la Conversation*, Cahiers de Linguistique Française, nº1, Université de Genève, Genève, pp. 80-103.
- SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen, 1993, “Partículas discursivas e interacionais no português e no espanhol em contraste com o alemão”, em SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (ed.), *Semiótica e Linguística Portuguesa e Românica: Homenagem a J. G. Herculano de Carvalho*, Gunter Narr Verlag, Tübingen, pp. 63-78.
- SPENGLER, Nina de, 1980, “Premier Approche des Marques d’interactivité”, em *Actes de Langage et Structure de la Conversation*, Cahiers de Linguistique

---

Française, n° 1, Université de Genève, Genève,  
pp. 128-148.

VIRGÍLIO, 1948, *Aeneis*, Texto completo anotado pelo P.e  
Arlindo Ribeiro da Cunha, Livraria Cruz, Braga.

VOGT, Carlos, 1977, *O Intervalo Semântico, Contribuição para  
uma Teoria Semântica Argumentativa*, Editora  
Ática, Col. "Ensaaios", n° 26, S. Paulo.

GONÇALO FERNANDES

